

N. 1.

Domingo 26 de Abril de 1863.

Vol. II.

O MOSAICO

O *Mosaico* publica-se aos Domingos, na—*TYPOGRAPHIA PAULA BRITO*—praça da Constituição n. 64. A sua redacção aceita quaisquer artigos em estylo decente, e no gosto do periodico. Assigna-se a 2\$000 por trimestre na Corte e Nictheroy, e 2\$500 nas Províncias. Números avulsos 240 rs.

O MOSAICO.

FIAT LUX.

Os antigos tinham costumes muito interessantes e dignos d'eternas lumiarias. Por cada cousa que faziam: por cada passo que davam; ah! vinha um chuveiro de satisfações ao respeitável publico.

Não se escrevia um livro sem um prologo estiradissimo, uma advertencia, um prefacio ou cousa que o valha: não se publicava um periodico sem um prospecto, promettendo mundos e fundos, que quasi nunca se realizavam; não subia um ministerio ao poder sem patentejar ao paiz, de modo muito explicito e terminante, o programma que pretendia seguir na gerencia dos negócios do estado.

Ora tudo isto é sem duvida nenhuma uma reverendissima massada. O publico não tem que se introduzir na vida privada de ninguem; occupe-se da sua, que não faz tão pouco.

Felizmente vai passando a moda; hade acabar finalmente de todo, como tem acabado muitas outras cousas, que aliás prometiam muito maior duração. Quem é que se lembra mais da constituição? Que sim levaram os partidos saquarema e luzia?

Nós porém somos particularmente achacados da carrancaria: não nos arredamos assim com facilidade do uso antigo de nossos avós. E' um desfeito, que temos querido corrigir: mas até agora não temos conseguido esse desideratum.

Convém, entretanto, confessar, que é pena que assim aconteça; porque, á parte a modestia, temos particular tendencia para o progresso, e desejavamos que este paiz não estivesse á tantos respeitos, como está, na retaguarda da civilisação.

Dirigindo, pois, a palavra neste nosso primeiro artigo, aos amaveis leitores, é nossa intenção informal-os dos fins com que tomamos sobre nossos fracos hombros a tarefa da redacção desta gazeta.

Vamos, pois, fazer um programma, é verdade, mas o que querem? Tenham paciencia, já agora deixemos fallar, que estamos com a palavra

O *Mosaico* é um periodico politico: sabem porque? Porque tem de se ocupar de objectos que interessam ao bem do paiz: não tratará, porém, das questões pessoais e pequeninas, á que hoje quasi que está reduzida a nossa politica: a qual, aqui para nós, que ninguem nos ouça, limita-se á meras e insignificantes intrigas, filhas de interesses ridiculos e de am-

bições desregradas, sempre fataes ao bem estar publico.

A imprensa é a tribuna universal. Quem não pôde arranjar uma cadeira no parlamento, desabafa-se aqui. Para isso não precisa de circulo nem de triangulo, qualquer quadrado lhe serve: não tem necessidade de votos, nem lhe servem de nada os eleitores e as caballas: não depende, portanto, da vontade do governo, que em ultima analyse é quem arranja esses negocios: basta que haja quem o queira aturar.

Vamos pois entrar no numero dos orgãos da opinião publica. Ora a fallar a verdade é uma honra esta que excede sem duvida nenhuma a nossos fracos merecimentos. Jéronymo Paturot, que procurava uma posição social, não sabemos como se esqueceu do jornalismo.

Entretanto, como felizmente ainda não estamos minados do indifferentismo, que neste paiz mirra e acaba as mais bellas aspirações, não nos esmorece a importancia da empreza: oxalá que o *Mosaico* em boa hora appareça: e que empenhando os mais ardentes exforços, possa prestar ao paiz os serviços importantes, á que tem elle incontestavel direito, e merecer a sympathia e aceitação publica, que tão necessarias lhe são, para que possa existir e perdurar.

Morosidade administrativa.

Em alguns paizes da Europa, as molas d'administração publica, andam sempre tão rapidas, que se pôde dizer figuradamente, que nada ficam devendo ás das locomotivas dos caminhos de ferro.

Alli, qualquer negocio, que é sub-

mettido á decisão governamental, tem um despacho, ás vezes, tão rapido, que espanta e admira ao proprio pretendente.

No Brazil acontece a mesma cousa, porém, no sentido inverso. Aquelle que tem tido negocios perante os diversos ministros d'estado, sabem praticamente se fallamos com razão, ou sem ella.

A publicação do expediente do governo, feita no *Diario Official* desta corte, appresenta immensas provas desta verdade, que além disso está na consciencia de toda a população do imperio e talvez mesmo d'aquelle que tem estado à frente dos publicos negocios. Um antigo empregado publico, que conhecemos e que trazia uma reclamação perante o Thesouro, por ordenados, que haviam cahido em exercicio findo, dizia-nos sempre, quē as obras da antiga Sé andavam mais rapidamente do que as decisões do governo.

Entretanto, porém, se nas associações organisadas para a gestão de negocios particulares, muitas vezes de ordem secundaria, não ha quem queira tolerar a morosidade de agentes e prepostos menos diligentes na satisfação de seus deveres, como será isso admissivel da parte do governo, que tem quasi sempre de decidir questões relativas á grandes interesses publicos e particulares?

Uma das mais importantes necessidades d'un paiz, é que o governo se apresse sempre em dar a devida solução aos diversos negocios, que lhe são affectos; versem elles sobre interesses publicos ou particulares; devendo, em todo o caso, ser suas decisões as mais sabias, justas e convenientes.

As relações entre a administração publica e os diversos membros da sociedade, devem ser sempre faceis, simples e benignas.

Entretanto, por bem da imparcialidade e desinteresse, que devemos guardar sempre em nossos escriptos e que hão de fazer, mercê de Deus, a feição caracteristica desta nossa publicação, cumpre confessar que não é este deffecto peculiar do ministerio actual e seus delegados. Nascido em remotas eras, elle tem acompanhado, é verdade, todos os governos, e parece a sombra eterna e inseparável da administração publica de nosso paiz.

Em uma época em que o mundo caminha rapido, como diz Eugenio Pelletan, embarcando-se nos caminhos de ferro e nos navios de vapor, e transmittindo instantaneamente á longas distancias avisos e notícias importantissimas pelo telegrapho electrico, quem é que pôde aturar a morosidade de nossas repartições publicas?

E', pois, uma necessidade palpítante, que alguma cousa se fassa a respeito de simelhante assumpto. O governo dos velhos, que tome á si esta tarefa; e podemos assegurar que hão de merecer as bênçãos deste bom povo.

Em vez de governo ligueiro, convinha tanto que o governo fosse ligeiro, que estamos convencidos de que aquelle que apresentasse como programma a decisão rapida de todos os negócios comettidos á seu exame, havia receber *amens* dos mais reconditos sertões do imperio.

Questão ingleza.

Um vizinho nosso, homem muito curioso e calculista, está presen-

temente estudando a questão ingleza debaixo d'um ponto de vista muito celebre, e que hão de tornar notavel e saliente o seu talento original.

Parece incrivel a pachorra do homem; mas podemos asseverar, que é real e verdadeira.

Entre outros trabalhos, muito minuciosos e capazes de fazer perder a paciencia a um santo, calcula elle quantos volumes, em quarto, de 200 paginas, darão os artigos, comunicados, correspondencia publica e particular, e pamphletos, que nesta corte se têm publicado sobre essa celebre questão, desde o seu começo; quantas vezes nestes escriptos se falla no marquez de Abrantes, no conde Russel, no immortal ministro inglez Christie, no almirante Warren e no consul Vereker; no navio mercante *Prince of Wallis* e na fragata *Forte*; no imperio do Brasil, no reino da Inglaterra, nas costas do Albardão, na sentinelha da Tijuca, e finalmente no direito das gentes, que ambas as partes invocam em seu favor, como se fosse um nariz de cera, que pudesse tomar a feição, que a cada um mais conviesse e agradasse.

Depois de ultimado e prompto hâvemos de dar á luz em nossas colunas a tão singular trabalho; pois que o autor é nosso amigo e não faz questão da propriedade dc sua obra.

Entretanto desde já vamos apresentar algumas observações, que sobre a materia em si nos tem feito este homem minucioso, cujo talento cada vez nos parece mais digno de admiração.

O governo inglez, diz elle, nunca teve em mente declarar-nos guerra á proposito das reclamações, que por

intermedio do ministro Christie, nos mandou apresentar. O simples bom senso demonstra de maneira terminante e positiva esta verdade.

Ainda mesmo que lhe pudesse assistir direito para exigir do nosso governo o pagamento reclamado pelo naufragio do *Prince of Walles*, é claro que, sendo a quantia pedida um atomo em relação aos immensos interesses que a Inglaterra tem no Brasil, não lhe conviria de modo nenhum recorrer á um extremo para a solução da questão; porque nesse caso, ainda mesmo que o resultado lhe fosse favoravel, os prejuizos não seriam sómente de 6.000 libras, em que importava a reclamação que nos fizeram: porém de todos os seus interesses neste imperio.

Ora, á vista disto, é claro que John Bull foi neste negocio, como sempre, estrategico e calculista; e que, pois, fazendo-nos uma careta tão feia, não tinha outro fim senão amedrontar-nos e nos obrigar assim áquiescer á sua reclamação.

Felizmente valeu a elles e a nós tambem, que este povo *meio civilizado*, como elles nos chamam, tem tanta consciencia de seus deveres e de sua dignidade, que, apezar de insultado, e offendido em seus brios e melindre, soube sempre respeitar a pessoa e propriedade dos subditos ingleses aqui residentes, que nenhuma culpa tiveram do procedimento inqualificavel, de que fizéram praça e alarde os dignos executores das celeberrimas instruccões do conde Russel.

Em outro qualquer paiz talvez as cousas não se passassem como aqui, e pela culpa do ministro soffressem os innocentes, que, longe de terem

parte na questão, pelo contrario, estigmatisaram sempre semelhante procedimento.

Lord Russel sabe perfeitamente onde aperta a fivella; e apezar de nos chamar povo *meio civilizado*, elle reconhece pelo contrario, que temos tanta civilisação, que ainda nos mais justos arrebatamentos de nossa indignação sabemos respeitar e distinguir o inocente do verdadeiro culpado, e não polluiríamos jamais o nome brilhante, que o imperio tão justamente tem sabido adquirir; por factos que nos puadessem deslustrar e comprometter.

Divertimento.

No dia 31 de Dezembro do anno da graça de 1863, em que presentemente nos achamos, vence-se em Londres a ultima prestação do emprestimo brasileiro de 1843, na importancia de 362.000 libras, o que equivale em nossa moeda, e ao cambio par de 27, á somma de 3.218:180\$ réis.

No mez de Abril do anno vindouro de 1864 vence-se igualmente o emprestimo brasileiro de 1824; na importancia de 2.356.600 libras, que equivale, pelo mesmo calculo, a 20.950:174\$.

Tem, pois, o imperio dentro de 12 mezes de arranjar a elevada somma de 24.168:354\$, para satisfazer ao amigo John Bull esse importissimo pagamento. Verdade é que estamos acreditados na praça, e que os titulos de nossa dívida merecem entre os capitalistas ingleses uma cotação que muito nos honra; entretanto John Bull é homem de venetas: ninguem sabe quando o tem pelos

pés ou pela cabeça; e portanto cuidado.

O Sr. marquez d'Abrantes é quem se hade ver em bons lençóes; felizmente, apezar de velho, S. Ex. não tem nada de fraco nem moleirão.

Ora, á fallar a verdade, toda essa dívida externa, á que o Brasil está obrigado, podia ter soffrido já um grande córte; os nossos ministros, porém, não cuidam muito seriamente dos interesses da nação, e clamam ao depois [que] o paiz está ingovernavel, que não ha patriotismo, que não ha interesse pelo serviço publico e finalmente tudo mais quanto lhes parece.

Ora, tudo isto é infelizmente exacto; mas a culpa de quem é? Quem é que tem desmoralizado este bom povo brasileiro senão os proprios homens incumbidos de dirigir a não do estado?

Pela parte que nos toca, podem dizer o que quizerem: não acreditamos em palavrões campanudos, nem em discursos de legua e meia; é pregar no deserto. Muita razão achamos nós no poeta quando disse:

São desgraças do Brasil
Um patriotismo fôfo,
Leis em parollas, preguiça,
Ferrugem, formiga e mofo.

Notícias da Europa.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

Europa, 30 de março.

Princípio pelo principio; creio que não levará a mal: *in principio erat acta, et acta erat apud secretarium.* O commercio é sempre o mais poderoso sustentaculo das gazetas; e

portanto devem ser igualmente as gazetas inseparavel appoio do commercio. A theoria do *dó ut des*, que é o principio cardeal dos nossos homens politicos, nunca teve mais ajustada nem conveniente applicação: *amor amorem recompensatur.* E, pois, ahí vão em primeiro lugar as notícias commerciaes.

Participo-lhe, que o café continua á subir: ora, meu amigo, é mesmo uma cousa admiravel esta subida do café! Se não parar na carreira que leva, breve chega ao céo: já está mais alto do que o Pão d'Assúcar.

E veja V. quem havia de pensar em similhante cousa? Bem haja o conde do Lavradio.

Se eu estivesse ali em occasião de chegar uma noticia destas, no outro dia, tivessem paciencia, mandava dizer uma missa por alma do conde do Lavradio.

Ah, meu amigo! E como não hade ser assim! Corra V. toda a cida-de de Paris de alto a baixo e de fio a pavio; examine minuciosamente as immensas ruas e praças dessa moderna Babylonie; passeie nos seus lindos boulevards, que fazem o encanto dos estrangeiros; e V. verá por toda a parte café, café, sempre café. *Donnez-moi du café*, grita um: *donnez-moi du café pour mon ami*, exclama outro: *café pour madame*: *café pour mademoiselle*: *café pour mon fils*: *café pour mon cousin*: e finalmente café para todo o mundo.

Em Londres acontece a mesma cousa: se não ha mylord nem mylady que dispense o incomparavel café; tão bem o povo vai por tal maneira se habituando á esta deliciosa bebida, que, á continuar a cousa no caminho em que vai, pa-

rece que breve a cerveja mette-se nas encolhas.

O que acontece em Paris e Londres é sem discrepancia abraçado e seguido neste ponto pelo resto da Europa. Todos aqui gostam do café; e estão de tão perfeito acordo a semelhante respeito, que a opinião do Papa, de Victor Manoel e de Garibaldi não discrepa n'um seitil, a do czar e do dictador da Polonia igualmente se confundem e identificam. Bem haja o café! Ainda hei de fazer um estudo serio e aprofundado desta planta, e do resultado lhe comunicarei.

A' respeito dos outros generos de producção desse bello imperio, os preços não têm sido tão seguros.

A' cerca d'alguns delles, como por exemplo o assucar, não acho razão; porque o café não se toma sem elle; e pois, se o café sobe, como é que o assucar desce? Só se querem que estes generos, sendo a aristocracia dos productos da laboura, imitem os partidos politicos dos governos constitucionaes, que não podendo passar um sem outro, é sempre a subida do primeiro a irreparavel derrota do segundo, e vice-versa.

As noticias dos demais generos, não são lá de grande monta. Os couros salgados do Maranhão estão procurados, mas os secos, ninguem os quer; eu pelo menos, ainda que me dessem de presente, não só não os aceitaria, como tomava por desafôro: o que iria fazer com um couro secco?

O algodão é que está tambem dando as cartas. Bem certo é o ditado — *cada um tem seu sabbado d'alleluia.* Esta laboura, que tantos lucros já deu á esse império, estava quasi de

todo abandonada, tendo sido substituida por outras culturas menos productivas e faceis do que ella; e porque? Porque o governo do Brasil tem tratado sempre de resto os mais vitaes interesses do imperio, e nunca julgou conveniente aproveitar os fertilissimos terrenos que para essa cultura possue; estabelecendo estradas, que ainda mesmo sendo de ferro e despendiosas, valem bem todo o ouro que nellas se possa empregar.

Agora, pois, é aproveitar: convém muito fazel-o e com brevidade: *occasio præceps.* Em quanto o irmão Jonathas questiona por causa de roupa suja, não fiquemos nós de bôca aberta a coçar a cabeça, nada: *en avant.*

*Allons, enfant do sertão,
Cavar a terra e plantar algodão.*

A questão anglo-brasileira está em completa pasmaceira: tambem John Bull já recebeo as nossas bellas louras; e pois, agora deixal-o fazer a digestão: o homem de barriga cheia não quer questionar.

Espera-se agora que o rei dos Belgas decida a questão da Forte, que lhe foi affecta, para se tratar desta materia na camara dos lords.

Parece-nos que seria mais conveniente para uns e outros, que não se tratasse mais de similhantes matérias. O passado está passado; e como a experientia propria é a unica que ensina, o Brasil, que trate de fortificar-se, como deve, e os seus ministros que não prolonguem eternamente as questões, como fazem; augmentando, assim, a indisposição com que algumas nações nos encaram.

Casou-se o principe de Galles, no dia 10, e houveram festas taes, por este casorio, que morreram suffo-

cadas na rua oito pessoas. Não assistí a esta importante cerimonia, por causa d'um callo no dedo do pé, que me doeu toda noite da vespera; de modo que não pude pregar olhos; entretanto talvez fosse uma fortuna; porque podia morrer também asphyxiado.

A ordem do dia hoje, na Europa, é a questão Polaca: está tudo embebido na Polonia. Creio, porém, que nada se fará em favor d'aquelle misero povo, tão digno de melhor sorte.

Com o temperamento, que tenho, não posso ver impassivel o procedimento, que a França, Inglaterra, e as demais nações importantes, desta parte do mundo civilizado, tem seguido neste negocio. Pois a Russia hâde continuar, neste seculo de luzes, a massacrar tranquilla aquella nação infeliz? Dóe-me isto dentro d'alma; e como eu só não posso mover o mundo, procuro esquecer este negocio, cantarolando comigo entre dentes o eterno estribilho de meu avô.

*Pouca paciencia tem,
Quem com os males alheios não pôde.*

Participo-lhe, que Farini acaba de largar o ministerio: Victor Manoel não gostou nada disso, a razão é clara: Farini estava muito *infarinado* naquelles negocios do governo, e dizem, que se não sahe tão cedo, dava conta da tarefa.

Entretanto, meu caro amigo e Sr., o que quer? Farini é homem como os outros, e, conquanto fôsse ministro e medico, adoecêo e precisou de se tratar.

Ahi, no Brasil, os ministros são mais agarrados ás pastas, segundo

me parece; e a prova ahí está no Visconde de Maranguape, que, apesar d'aquelle grande ataque de congestão, que soffreu na camara dos deputados, só agora, e a muito custo, segundo dizem, se resolveu a largar o ministerio da Justiça. Não censuro a elle por isso; antes me parece, que é uma grande prova de patriotismo, carregar com a patria ás costas, um pobre homem, velho e doente.

Cá pelo que me toca, não fazia outro tanto. Se me convidassem para ser ministro, não regeitava, porque não queria que dicessem, que estava me fazendo bemfeito de corpo: mas, se me aparecesse um ataque d'aquelle, (de que Deus nos livre e guarde) em dia d'apresentação de programma, arremessava com pasta, ministerio e fardão, no inferno, e no outro dia, ia para a Tijuca tomar fresco na cabeça; porque, meu amigo, prézo muito esta pobre individualidade, e nunca m'esqueço da recommendação, que me fazia, quando eu era menino, o vigario da minha freguezia, que era um padre tumbeiro de letras gordas. *Quem muito lê, dizia elle, treslê. Antes um burro vivo, do que um doutor morto.*

Os Gregos é que não acharam ainda um rei que os queira governar. Não parece isto uma historia? Pois é a pura verdade. Se V. entender, que lhe pôde servir este emprego, escreva-me em tempo: estou convencido que elles aceitam de braços abertos. Eu não me proponho, porque não me dou bem n'aquelle clima: é chegar á Grecia, estou logo encatharroadó.

De Portugal não ha noticias d'alcance, com que possa entreter a curiosidade de seus leitores.

Reina a doce paz na santa igreja,
O bispo e o deão ambos accordes,
Em dar e receber o bento hyssope,
A vida em santo ocio vão gastando.

As obras dos caminhos de ferro
progridem: vão se abrindo ao trans-
ito publico diversas secções, que se
vão ultimando, e novas emprezas vão
já apparecendo para identico as-
sumpto,

Daqui á poucos annos o reino es-
tará cortado por uma rête de ca-
minhos de ferro em todas as direcções,
e a consequencia deste facto hade ser
forçosamente a prosperidade do paiz.

A Rainha D. Maria Pia teve neste
mez um dia de bastante prazer e
satisfação: foi o dia 14, em que fez
annos seu Augusto Pai o Rey Victor
Manoel.

Por esta occasião solemne houve
no paço um explendido jantar, á que
concorreram personagens de elevada
cathegoria. Só eu não pude com-
parecer, por doente; senti este con-
tratempo em extremo, porque pre-
tendia fazer um brinde, que seria
precedido d'estiradissimo discurso,
que já estava decorado.

Havia de principiar pelo objecto
augusto da reunião, e sobre esse pon-
to tinha que dizer perolas. Daí pas-
sava á tratar da Polonia, do minis-
terio e da oposição, e finalmente
havia de acabar pelo ministro por-
tuguez nessa corte, contra quem já
vejo reclamações.

E' pena, meu amigo, que tanto
trabalho ficasse perdido, e que eu
não pudesse aproveitar esta occasião
para adquirir eterna fama e con-
ceito.

Ensaia-se agora neste reino a in-
troducção da carne sécca de Monte-
vídeo. Já veio um barril, que infe-

lizmente não aproveitou; porque o
genero chegou deteriorado. Breve,
pois, teremos tambem por cá bellas
feijoadas com carne sécca; e então
já se sabe, que me regalo; porque
seu partidista da minha barriga.

O fallar na carne sécca,
Cosida com feijoada,
Faz-me chegar agua á boca
E coceira na queixada.

E por hoje basta: ahí está o *Ex-
tremadura*, que mandei demorar um
dia em Bordéos por causa desta car-
ta: o papel também já se acabou: e
portanto faço ponto.

Não vês?

A. M...

Não tardes, minha vida! no crepusculo
Ave da noite me acompanha a lyra...

ALVARES DE AZEVEDO.

Não vês meu rosto pallido, tristonho,
Os olhos derramando amargo pranto?
Não vês o meu aspecto tão medonho
Caminhar já vergado e sofrer tanto?

Tu não vês destas faces já mirradas
Os sulcos salientes da paixão?
Não vês que minhas mãos já descarnadas
Igualam com meu pobre coração?

Não vês? Não vês de certo o amargo fel
Que sinto no meu peito trasbordar?..
Não vês, mulher, não vês, porque és cruel,
E sentes regosijo em me matar!

Oh! não sejas assim! dá-me uma esperança.
Uma esperança que faça-me viver:
Se recusas ao naufrago a bonança,
O que resta depois? E' só morrer!

Sim, morrer! que este amor que me devora
E' ardente, como a chamma do volcão!
Piedade, mulher! p'ra quem te adora
N'um arranco fatal do coração!

Dá-me o teu amor! verás á vida
Voltar-me de prazer enebriante;
Serás do meu sonhar a virgem qu'rida,
A virgem qu'eu adoro delirante!..

Dezembro de 1861.

José Maria de Almeida.

TYP.—PAULA BRITO—1863.